LIBERDADE DE CATHEDRA

ANDRADE FURTADO

Ninguem desconhece, em bôa mente, que a civilização está em perigo, deante dos assaltos barbaros e sangrentos com que a enfrentam os inimigos da ordem, no mundo.

Não se pode negar que o bolchevismo representa uma diathese de caracter alarmante, impondo-se, por isso, tratamento energico, com todos os cuidados indispensaveis á prophilaxia do mal.

A therapeutica não deve ser apenas curativa, mas sobretudo preventiva.

A repressão violenta torna-se necessaria, nos surtos agudos dessa molestia psichica de consequencias horrorizantes.

Nas epocas de normalidade, faz-se mister eliminar as causas, evitando, assim, a contaminação do meio, si não se tomam imprescindiveis providencias de salubridade intellectual.

O illustre senador cearense, dr. Waldemar Falcão, teve a iniciativa de uma medida legal de grande alcance, no sentido de regular a desenfreada propaganda das idéas dlssolventes nos estabelecimentos de ensino publico.

Sabemos que professores pagos pelos cofres da nação serviam-se das aulas para destilar no espirito dos alumnos o veneno das theorias dissolventes da paz social.

Esses apologistas do imperialismo de Moscou, na propria capital da Republica, preparavam as lições de combate ao regime pelos methodos sovieticos, atirando a juventude incauta no torvelinho das lutas de classes.

Punham esses falsos dirigentes da mocidade,

acima dos interesses sagrados da Patria, as conveniencias detestaveis de um internacionalismo altamente contrario a todas as razões do bom senso.

De que servem as leis de segurança nacional, si se persiste em deixar intoxicadas as fontes da educação popular?

A prosperidade da Russia, que se aponta como uma miragem de esperança ás massas que soffrem, não passa de doloroso engodo, para decepção universal.

O recente livre de André Gide, intitulado «Retour de l' U. R. S. S.», vale por um attestado de obito da organização bolchevista.

É o depoimento imparcial de um escriptor filiado ao pensamento livre da chamada «extrema esquerda» francesa.

Visitou os dominios de Stalin para observar *in loco* as realizações da dictadura vermelha, em beneficio do operariado slavo. De lá voltou revoltado contra a revolução... Os seus commentarios valem por uma critica severa a todas as phantasias da propaganda communista, no Occidente.

As suas palavras não deixam margem a duvidas:

«Si antes me enganei, melhor será que, qnanto antes, reconheça o erro. De nada valem as considerações do amor proprio. Ha cousas mais importantes, aos meus olhos, que eu mesmo e que a U. R. S. S.:—é a humanidade, o seu distino e a sua cultura».

Para André Gide, o operariado na Soviecia não exerce dictadura nenhuma. A dictadura é a de um só homem!

Revolta-se, profundamente, contra o systema do «pensamento dirigido» e diz que «em nenhum outro país, nem mesmo na Allemanha de Hitler, o espirito é menos livre e vive mais aterrorizado e mais escravizado».

Depois de assignalar que, na Russia, não pode haver sinão uma só opinião, accrescenta:

«Cada manhã, o *Pravda* ensina o que se deve saber, pensar e crer. De sorte que falar com um russo é falar com todos»...

Aprecia, em seguida, os progressos da pedagogia, tão inconscientemente celebrados por ahi além, dos educadores russos.

Ouçamos o seu autorizado testemunho:

«A instrucção não tem nada de desinteressada e carece de senso critico». Esta phrase é um anathema...

Por sua vez a arte está aguilhoada ao despotismo reinante. Tem de ser «conforme» o que está prescripto.

A revolução retirou ao estheta o clima da liberdade, insubstituivel aos surtos do talento.

Quem sabe, indaga Gide, si na terra de Pedro o Grande não existem um Rimbaud, um Baudelaire, um Keats, impossibilitados de se manisfestar?

Tendo ido á Russia para «tomar um banho de humanidade», para se pôr em contacto com uma sociedade sem classes, onde não houvesse pobres, exclama o observador gaulez:

«Não ha classes, mas ha pobres, muitissimos pobres. E era para não ver pobres que eu fui á Russia»...

Deplora tambem a frequencia de bandos de creanças abandonadas, sem familia nem lar. Impressiona-o, na cidade moscovita, «a extraordinaria indolencia» da população. Não encontrou na metropole oriental nada de interessante para trazer como lembrança aos amigos em Paris. Tudo lhe pareceu «horrivel, consternante».

Depois de assignalar a indifferença dos «bem situados» pelos «inferiores», e o «servilismo», por parte dos «criados», termina o homem, que militava nas fileiras radicaes, com a sinceridade de uma exprobração a tanta hipocrisia e a tanto embuste.

Sua viagem á Russia levou-o «a apreciar a inapreciavel liberdade de pensamento, de que se desfructa, em França... e de que, ás vezes, tambem se abusa»...

Não se trata, é preciso notar bem, de um caso isolado. Já o «leader» socialista belga, sr. Vandervelde, ha alguns annos, regressou das steppes do Volga impressionadissimo. Os trabalhadores da sua

terra não se sujeitariam, nem quinze dias, á escravização de um miseravel povo, reduzido a tão tristes condições de vida! Podemos, ainda, entre tantos outros, citar o exemplo do escriptor communista rumano Panait Istrati, que esteve na Russia, attendendo a um convite especial do governo bolchevista.

Depois de percorrer as regiões dos Sovietes, no gozo das prerogativas de hospede do Estado e com as regalias decorrentes das suas convicções revolucionarias, de lá partiu angustiado pelo proprio desencanto.

«Milhões de seres—confessou no meio da sua confusão—milhões de seres humanos, que, precisamente, tudo criam pelo seu labor, são encerrados em infames pocilgas, dignas da Idade Media, ou abandonados aos asares do relento ou das intemperies. Os propagandistas da lenda sovietica não vêem isso»...

Ouçamos, tambem, o que nos informa sobre as coisas maravilhosas do paraiso vermelho o sr. Walter Citrine, secretario geral das «Trade Unions», na Inglaterra. Escreveu o livro «I search for truth in Russia», em que fixa os flagrantes da vida na U. R. S. S. até fins de 1935.

Que terror nos meios proletarios! Em cada usina, o mesmo aparato de masmorras; soldados de armas em punho, exames á entrada, revistas pessoaes, como si se tratasse de criminosos.

Nem na chamada Grã Bretanha capitalista se encontra, em parte alguma, tal ostentação de força, raciocina o visitante, no seu «humour».

E o cuidado das creanças, tecla tão batida pelos *camelots* do socialismo internacional?

As «crèches» de amparo á infancia são, realmente, um ludibrio á consciencia popular. Basta dizer-se que as creanças até 3 annos de idade, que são as que têm ingresso nas «crèches», representam 10 por cento da população infantil. Da situação total das outras sente-se desobrigado o governo de Moscou...

O mesmo se verifica em relação aos sanatorios, que não attendem—estão muito longe disso—ás necessidades collectivas.

O regime chama á sua conta a direcção das coisas e não resolve os problemas fundamentaes da existencia, abandonando as multidões á sorte dos párias ou dos illotas nas epocas mais calamitosas da historia.

O patrão-Estado, na Russia, paga ao trabalhador um salario medio mensal de 198 rublos. Deante do preço das mercadorias, isso é absolutamente ridiculo, como padrão de existencia.

Confrontando as utilidades com as cotações em Londres, argumenta Walter Citrine:—«As capas de abrigo (num país de frio rigoroso) custam em Londres 25 *shillings*. Em Moscou, a mesma capa vale 250 rublos, a renda inteira do trabalho de um mês» ..

Por ahi se pode calcular a penuria miseravel do «camarada» moscovita, apontado como modelo pelos lacaios de Stalin aos homens livres das nossas fabricas e dos nossos campos!

Os propagandistas do marxismo tartaro-judaico, nos gymnasios e academias, commettem, evidentemente, o crime de subverter na intelligencia juvenil o criterio patriotico.

Constitue, além disso, uma deshonestidade inqualificavel insinuar aos moços das nossas escolas que os «technicos» russos são capazes de realizar, entre nós, a felicidade que baniram dos seus dominios...

O projecto do professor de Direito e delegado do Ceará no Congresso Federal visa, portanto, a cohibir uma liberdade de cathedra essencialmente lesiva á saude mental estudantil.

Justificando o seu ponto de vista, o dr. Waldemar Falcão accentúa que não se extirpa o mal de Marx simplesmente com processos punitivos. Torna-se mister evitar a infiltração de uma doutrina que tem a sua logica baseada em principios materialistas, de resultados praticos apavorantes.

Agir cedo, agir emquanto é tempo, no campo do espirito, é o que se impõe para se desviarem do Brasil catastrophes sem nome, como as que se desenrolam entre povos christãos, que não souberam, opportunamente, orientar as conquistas evangelicas,

tornadas loucas pelo socialismo, na expressão de Chesterton.

Eis os termos do projecto do eminente senador cearense:

«Artigo 1º.—A liberdade de cathedra garantida pelo artigo 155 da Constituição Federal não poderá ser utilizada na propaganda de guerra ou de processos violentos para subverter a ordem politica ou social (artigo 113, alinea 9, «in fine», da Constituição Federal).

Paragrapho unico—Nos termos deste artigo, é defeso ao professor aproveitar-se de sua cathedra para fazer entre seus alumnos o proselitismo de doutrinas que preguem a dissolução da patria ou de suas instituições basicas ou incitem o odio e a luta entre as classes sociaes.

Artigo 2º.—O Ministerio da Educação e Saude Publica fará fiscalizar rigorosamento o cumprimento dessas disposições, baixando para tal as instrucções necessarias e organizando contra os infractores o competente processo administrativo, a cuja decisão final precederá a audiencia do Conselho Nacional de Educação, que não deliberará sem facultar defesa aos accusados.

Artigo 3o.—Para a punição das infracções desta lei, applicar-se-á o disposto nos artigos 22, 23, 24 e 36 da lei no. 38, de 4 de abril de 1935.

Artigo 4º.—Revogam-se as disposições em contrario».

Cumpre aos poderes constituidos applicar, sem transigencias de qualquer natureza, si ha o desejo de salvar a Patria dos perigos do extremismo convulsionista, essa salutar e imperiosa disposição legislativa, que neutralizará os effeitos nefastos de uma campanha estranjeira, contra a honra e os brios da nacionalidade.